



**Mário Teixeira Esteves Junior**

**A construção da sexualidade na perspectiva da psicanálise: uma reflexão a partir de Freud**

**Rio de Janeiro  
2021**

**Mário Teixeira Esteves Junior**

**A construção da sexualidade na perspectiva da psicanálise: uma reflexão a partir de Freud**

**Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.**

**Orientadora:** Grasielle Nespoli

**Rio de Janeiro**

**2021**

*Dedico este trabalho a minha mãe Severina Matias de Oliveira, a minha família, amigos e professores que me auxiliaram e incentivaram durante essa jornada até aqui.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e ao universo pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Agradeço especialmente à minha mãe Severina Matias de Oliveira, à minha irmã Marleide Gabriel Esteves e aos irmãos, que me incentivaram nos momentos difíceis e que de certa forma me ajudaram a estar aqui finalizando mais um ciclo importante da minha vida.

Agradeço os meus amigos e amigas que fui construindo durante essa jornada na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, aos que estiveram comigo durante a minha vida e que me ajudaram em momentos que precisei, deixando aqui um agradecimento especial à Ana Santos, Carmen Gama, Eduarda Sousa, Josefa Kayllanne, Júlio Moraes e Wallace Leonardo.

Agradeço à minha orientadora Grasielle Nespoli que se disponibilizou a me ajudar nesse processo, por toda sua atenção, pelas trocas de conhecimentos, pela sua dedicação e acolhimento.

Por fim, agradeço aos meus professores e profissionais que me ajudaram a construir quem eu sou, pelos seus ensinamentos passados a mim, pelo acolhimento durante a minha passagem pelo colégio e pela dedicação em sempre querer nos ensinar e nos ajudar na nossa evolução como ser humano.

## RESUMO

Este trabalho aborda o tema da construção da sexualidade na perspectiva da psicanálise freudiana. Foi feita uma pesquisa qualitativa onde buscou-se por textos que trazem reflexão sobre o tema, no sentido de melhor compreensão da teoria da psicanálise acerca da sexualidade. Optou-se por investigar a ruptura do pensamento freudiano em relação à concepção predominante da sexualidade na época em que vivia. Após a introdução do tema, foram desenvolvidos dois capítulos. O primeiro capítulo aborda a teoria da degenerescência de Morel (1857) e Magnan (1876) que tratam os desvios sexuais como aberrações ocasionadas pelos processos de degeneração, e mostra ao final que, a partir destes estudos, Freud questiona e rompe com esta teoria. O segundo capítulo discute a teoria da sexualidade em Freud, em particular a partir da noção de pulsão e na relação com o mal-estar civilizatório. Conclui-se que a pulsão é diferente do instinto sexual, ela não segue uma norma e vai além do caráter biológico que é inserido na sociedade. A pulsão sexual que reside no indivíduo faz com que ele sinta o prazer da vida e que sinta prazer nas pequenas coisas, assim criando uma relação de prazer do indivíduo com o mundo, podendo se dizer que cada indivíduo tem sua particularidade e assim se tornando impossível uma regra, inclusive em relação à sexualidade.

**Palavras-chave:** sexualidade, história, psicanálise

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 AS ABERRAÇÕES SEXUAIS E A TEORIA DA DEGENERESCÊNCIA .....</b>	<b>10</b>
<b>3 A TEORIA DA SEXUALIDADE EM FREUD .....</b>	<b>13</b>
3.1 PULSÃO E SEXUALIDADE .....	13
3.2 A RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E O MAL-ESTAR CIVILIZATÓRIO .....	14
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esse projeto tem como tema a sexualidade. A escolha do tema se deu a partir de inquietações que passam pela minha própria vivência e de outros jovens da minha faixa etária - o que me despertou a curiosidade de entender o processo de construção da sexualidade, que para muitos é ótimo e, para outros, tão doloroso. O tema da sexualidade mostra-se extremamente relevante no momento atual, pois observo entre os jovens uma não aceitação de definições identitárias, pautadas no caráter biológico, binário e heteronormativo em torno de homens e mulheres. Além disso, a questão da sexualidade é muito importante para quem atravessa a juventude, pois nessa fase são feitas escolhas que definirão quem seremos.

A sexualidade é a forma como nós seres humanos, em específico, sentimos atraídos por outras pessoas, é a maneira como performamos os nossos desejos, nossas identidades, nossas vontades. É por meio da nossa sexualidade que a gente se conecta com o nosso verdadeiro “eu”. A questão da sexualidade tem uma importância grande entre homens, mulheres e pessoas não binárias durante suas vidas, é por meio dela que é possível colocar em prática as nossas satisfações diante ao outro, está ligado também a nossa afetividade, ao prazer, afeto, sentimentos e ao exercício da liberdade. (Barbosa e Ferreira, 2019).

Diferente da sexualidade, o sexo refere-se a dimensão biológica de ser homem ou mulher, que dizer, a palavra sexo pode ser usada para descrever pessoas que nasceram no sexo masculino (com um pênis), no sexo feminino (com vagina) ou intersexuais (genitália ambígua). A palavra sexo pode ser usada também para se referir ao ato sexual praticado consensualmente entre duas pessoas (ou mais), e a prática sexual pode ser buscada tanto para o prazer ou para reprodução. (Barbosa e Ferreira, 2019).

Outro conceito importante é o de gênero que, normalmente, é usado na sociedade para definir o que é ser “homem” e “mulher”, os papéis sociais atribuídos ao gênero masculino e gênero feminino. Existe uma forte crítica em cima desse papel social que foi imposto a nós desde criança, quando uma pessoa não se define e não se reconhece em um dos gêneros impostos social e culturalmente, ela começa a carregar uma bagagem recheada de preconceito instaurada na sociedade. Esse conceito de gênero nos bota em uma caixinha, onde é dito quem somos, como devemos nos comportar, dita sobre nossos gostos, nossa personalidade. Porém de uns tempos pra cá, diante de estudos do tema, pode se perceber que esse enquadramento não é natural, mas sim social. (Almeida, 2019).

O termo identidade de gênero é usado para se referir a uma pessoa, longe de amarras e enquadramentos, a forma como ela se vê. Pois uma pessoa passa por experiências sociais, culturais e psicológicas, para assim ela se denominar da forma que ela bem entender. Podemos ressaltar aqui que o sexo biológico (pênis e vagina) não determina quem somos, de quem gostamos, nossos comportamentos e, muito menos, as nossas roupas.(Neves e Silva, 2019).

Por sua vez, a homossexualidade é uma palavra referente as pessoas que se atraem afetivamente e sexualmente por pessoas do mesmo sexo, casais de dois homens ou casais de duas mulheres. Desde muito tempo, pessoas do mesmo sexo vem sofrendo preconceitos por simplesmente amar. Existem movimentos feitos para medicalizar essas pessoas, movimentos que conseguiram por em pauta a questão da “cura gay”, por meio de um discurso que afirma a possibilidade de “curar” uma pessoa que se relaciona com uma pessoa do mesmo sexo, como se ela fosse doente. (Neves e Silva, 2019).

Desta forma, a homofobia é uma atitude caracterizada por uma situação de preconceito contra as pessoas LGBTQIA+. Infelizmente ainda existem pessoas que discriminam pessoas por simplesmente amar e ser homossexual, essa discriminação, muitas vezes assume forma violenta, e pode ocorrer de forma verbal e ou de forma física. A homofobia é um comportamento agressivo, vem muitas vezes de uma heterossexualidade frágil e de uma norma socialmente posta à sociedade, onde as pessoas não conseguem lidar com quem sai desta norma e assim ocasiona a discriminação a essas pessoas. Em 2019, “O Supremo Tribunal Federal (STF) determinou em junho de 2019 que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero passe a ser considerada um crime e enquadrada pela Lei de Racismo.” (Neves e Silva, 2019).

Contudo, é preciso observar que não é de hoje que algumas práticas sexuais são consideradas impróprias e reprimidas. Na origem dos estudos sobre a sexualidade prevalece a ideia de que qualquer prática sexual que não tenha a finalidade de reprodução é uma perversão, uma aberração, um desvio e uma patologia - consequência de um processo de degeneração. É Freud, no início do século 20, quem apresenta outra visão, reconceituando a sexualidade ao apresentar um pensamento a frente do seu tempo, com seu posicionamento mais duro e revolucionário, pois ele compreendia que as perversões não podiam ser entendidas como identidades separadas, até porque a sexualidade não é simplesmente uma função natural que pode ser entendida a partir de seus desvios. (Ceccarelli, 2018).

Diante disso, este trabalho objetiva compreender a concepção de sexualidade a partir de Freud, no que diz respeito a ruptura com a teoria da degenerescência que prevalecia na psiquiatria do século 19 e a elaboração de outras categorias explicativas que constroem uma outra concepção de sexualidade.

O trabalho é de abordagem qualitativa, pois trabalha com o universo dos significados e sentidos atribuídos às noções de sexualidade (Minayo, 2007). Trata-se de uma análise acerca das concepções de sexualidade em Freud, por meio de leitura de artigos que abordam o tema. A pesquisa bibliográfica foi “desenvolvida a partir de material já elaborado” (GIL, 2008, p. 60). Foram selecionadas fontes secundárias, artigos científicos que ajudaram na compreensão das seguintes questões: Qual a importância do pensamento freudiano para a compreensão da sexualidade? Como ele inaugura uma nova visão sobre a sexualidade? Qual a relação da sexualidade e pulsão? Como a sexualidade se constitui na relação com a moral e o mal-estar civilizatório?

## 2 AS ABERRAÇÕES SEXUAIS E A TEORIA DA DEGENERESCÊNCIA

A sexualidade tornou-se objeto de estudo no século 19, quando surgiram os estudos da sexologia que a relacionam à função de reprodução humana, à uma pulsão natural que normalmente costuma se desenvolver na juventude, quando o jovem passa pela puberdade e começa a desenvolver uma atração sexual por outras pessoas. (Ceccarelli, 2017). Neste contexto, tem origem a teoria da degenerescência expressa pelos estudos de Morel (1857) e Maignan (1876).

O discurso da psiquiatria dessa época era marcado pela teoria da degenerescência, expressa na obra *“Tratado das degenerescência psíquicas, intelectuais e morais da espécie humana”*, de Morel (1857). Na obra ele fala sobre a questão da psiquiatria em determinado momento ser levada para a medicina geral, onde de forma oportuna igualava o ser humano a qualquer outro.

Naquela época a botânica, a neurologia, a anatomopatologia e a embriologia serviram de inspiração para Morel seguir com seu interesse em analisar o comportamento humano, a partir do registro da espécie, para entender as questões “naturais” e “patogênicas”. Sustentado no criacionismo da metafísica cristã, Morel parte da ideia da existência de um tipo humano primitivo, representante da síntese perfeita da Criação que, submetido a certas condições degenerativas, geraria variações maléficas à espécie. Ele considerava que tais desvios eram produzidos pela violação à lei (divina). (Oliveira, 2016). Morel tinha um pensamento que se valia de noções como a pureza e o progresso dos seres humanos, que sustentavam a defesa de que os cruzamentos entre raças levariam à degeneração, sendo possível observar que não existe uma interpretação dos pensamentos darwinista em relação da noção da “espécie humana”<sup>1</sup>.

Foi a partir das descobertas sobre as lesões cerebrais que ocasionavam a paralisia progressiva geral que, no campo psiquiátrico, acirrou-se a disputa entre o organicismo e seus oponentes, na tentativa de estabelecer o estatuto da loucura (Chiffon 2003 *apud* Oliveira 2016). Com base na perspectiva organicista, a miscigenação seria um dos pontos cruciais para ocasionar a degenerescência, que seria passada de geração a geração, como uma extensão do mal. Oliveira

---

<sup>1</sup> O darwinismo é uma teoria que parte do meio de estudos e conceitos que são relacionadas a ideia de transmutação de espécies, seleção natural ou da evolução. Refere-se ao estudo feito pelo naturalista Charles Darwin (1808-1882) que consiste em defender que todas as espécies vem de ancestrais comuns e que durante o tempo foi sofrendo mudanças, pela hereditariedade, em função da adaptação do ser humano ao meio. Fonte: Informações retiradas dos seguintes sites:

<https://www.todamateria.com.br/darwinismo/#:~:text=Darwinismo%20%C3%A9%20o%20conjunto%20dos,tempo%20geol%C3%B3gico%20foram%20sofrendo%20altera%C3%A7%C3%B5es>, acesso em nov. 2020; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Darwinismo>, acesso em nov. 2020.

ressalta que, nesse contexto, “a hereditariedade não era entendida como um desígnio exclusivo da natureza; antes, sua teoria se encontra ancorada na premissa de que o problema se encontrava justamente na “degradação moral”, que acabava por ocasionar a transmissão de certos traços patogênicos à descendência.” (2016, p.55).

Quando o darwinismo tinha se disseminado pela França, Magnan (1876), a partir de uma leitura da teoria de Morel sobre degenerescência, colabora com a assimilação da noção de seleção natural ao ideário do progresso. Magnan altera o entendimento de degeneração, a partir da noção de desequilíbrio, permitindo um entendimento mais amplo do que poderia ser considerada a degenerescência. (Oliveira, 2016).

Seja pela degradação moral, seja pelo desequilíbrio, o apelo metafísico à origem da degenerescência dá lugar à noção de organicidade: o que permite uma aproximação da psiquiatria com a neurologia. Assim, a psiquiatria passará a ter como objeto a “doença da desordem”, ou seja, os ínfimos desvios individuais em relação a uma expectativa de homogeneidade social forjada no projeto biopolítico da modernidade, como afirmado por Foucault (*apud* Oliveira, 2016).

É Freud quem romperá com essas teorias da degenerescência. Freud não parte da ideia de um normal, mas das análises dos desvios, daquilo que escapa à norma, e busca compreender o comportamento humano. No seu estudo, que ele atribuiu o nome de os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, não aborda a sexualidade do ponto de vista de que exista algo que seja “normal”, nem a reduz ao sexo à um instinto natural. (Ceccarelli, 2017). Oliveira reforça que “o solo de constituição de sua investigação é a experiência psicanalítica” (2016, p. 57) e que sua teoria diminui o peso da hereditariedade e da degeneração na explicação das psicopatologias. Freud prioriza a ontogenia em detrimento da filogenia<sup>2</sup>, quer dizer, a experiência no lugar da herança. Contrário à generalização da noção de degeneração, Freud afirma que há doenças hereditárias, mas há outras em que não dá para estabelecer uma regularidade confiável entre as doenças em determinada família e a doença de um indivíduo, “inclusive não se podendo explicar com segurança por que

---

<sup>2</sup> A **ontogenia** (ou **ontogênese**) (do grego ὀντογένεσις, composto de ὄντος, transl. *ontos*, 'ser, ente' e γένεσις *gênesis*, 'criação') diz respeito à origem e ao desenvolvimento de um organismo. O termo *filogenética* deriva dos termos gregos *File* (φυλή) e *Filon* (φῶλον), denotando "tribo" e "raça",<sup>[1]</sup> e o termo *genético* (γενετικός), denotando "em relação ao nascimento", da gênesis (γένεσις) "origem" ou "nascimento".<sup>[2]</sup> A ontogenia, ao contrário da filogenia, trata da história de um organismo em seu próprio tempo de vida e desenvolvimento. Já a **filogenia** refere-se à história evolutiva de uma ou mais espécies. Enquanto processos do desenvolvimento (neste caso, ontogenéticos) podem influenciar processos evolutivos (filogenéticos) como consequência, organismos individuais se desenvolvem (ontogenia), ao passo que as espécies evoluem (filogenia). Fontes: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ontogenia>, acesso em nov. 2020; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Filogenia>, acesso em nov. 2020.

uma pessoa pode sucumbir a uma doença sem ter uma carga hereditária, e outra, com a mesma carga hereditária, manter-se saudável.” (Oliveira, 2016, p. 58).

Para Freud, a hereditariedade representava um niilismo terapêutico ao qual não queria se filiar, ao contrário da aposta na “via de acesso” que poderia ser aberta pela busca de uma etiologia específica. Sua perspectiva residia não na história da espécie, mas na história da constituição da subjetividade. Freud critica a interpretação da psiquiatria sobre a “inversão sexual” que a considera uma manifestação da degeneração, ele critica a importância que foi atribuída a degeneração como objeto de explicação para a patologização mental. (Oliveira, 2016). Assim, Freud vai em busca de argumentos antropológicos, que apontam que a “inversão sexual” (desvio) era bastante frequente e culturalmente valorizada entre os povos antigos. A partir disso, aponta uma razão pela qual a “inversão sexual” não poderia ser atribuída a degeneração.

De acordo com Ceccarelli (2017) “Freud subverte os esquemas explicativos tradicionais ao afirmar que as perversões cuidadosamente catalogadas como aberrações humanas assombram o espírito de todos os homens – inclusive daqueles que as catalogaram – podendo ser observadas desde os primeiros anos da infância: “a criança é um perverso polimorfo”.” (2017, p. 136). Na interpretação de Oliveira, “as transgressões sexuais seriam muito mais frequentes na vida cotidiana, não merecendo por isso o designativo de patológico.” (2016, p. 59).

### 3 A TEORIA DA SEXUALIDADE EM FREUD

#### 3.1 PULSÃO E SEXUALIDADE:

Freud começa a desenvolver os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, contrapondo os argumentos dos sexólogos daquele tempo, que entendia que a sexualidade servia apenas para reprodução da espécie - teoria que para ele significava uma “fábula poética” (Ceccarelli, 2017). Freud parte em seu estudo das denominadas “aberrações sexuais”, desconstruindo as diferentes perversões anteriormente definidas. Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, segundo Ceccarelli (2017), é iniciado com Freud mostrando a moral, a religião, a biologia por parte dos sexólogos e mostrando também a opinião do público que acredita numa “natureza” única da sexualidade humana.

Para Oliveira (2016), o argumento principal que Freud usa para refutar o discurso da degeneração reside na ideia da disposição sexual do perverso-polimorfo. Diante de sua leitura sobre os desvios sexuais, Freud vai afirmar que a pulsão sexual não tem um objeto fixo, desde o início da vida humana, inclusive, a pulsão seria algo independente do objeto, algo em busca de experiências de satisfação sexual, que passa pelo autoerotismo. Desta forma, as pulsões parciais autoeróticas são pulsões sexuais partidas, não investidas em algum objeto externo. Freud acaba ressignificando a noção da perversão, trazendo a sexualidade infantil para a situação de perversa no fundamento da sexualidade humana e é nesse contexto que a noção de pulsão sexual irá vir à tona.

A pulsão sexual é diferente do instinto sexual, pois a pulsão não se limita apenas às atividades constantes da sexualidade biológica, mas é o ponto principal que impulsiona várias manifestações psíquicas. Para Freud, o impulso sexual é algo mais complexo, que envolve impulsos parciais em busca de prazer, sentido em diversas partes do corpo, além das genitais. Conclui que a pulsão não tem objeto fixo e nem um “programa biológico”, e afirma que a pulsão sexual tem um percurso particular, que cada ser humano traça. (Ceccarelli, 2017). Isto é, a sexualidade se constitui pelas experiências.

A “escolha sexual” para Freud é muito complexa, pois corresponde a dinâmicas inconsciente, que envolve diversos fatores. Desta forma, a sexualidade de cada ser humano é uma construção única e individual. Ceccarelli (2017) usa uma metáfora matemática para dizer que a

sexualidade é uma equação que comporta diferentes variantes – corpo, amor, desejo, gozo – frente às quais, tal como em um sistema vetorial de forças, uma resultante, uma solução, será encontrada.

Conseqüentemente, para Freud, a atração tanto heterossexual quanto homossexual necessita de explicação, pois não se trata de um “fato evidente em si mesmo, baseado em uma atração a final de natureza química” (Ceccarelli, p. 138). O que despertará interesse a Freud vai ser os caminhos pulsionais que são responsáveis pelas escolhas do objeto, a intenção é descobrir os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha desse objeto.

Para Freud, a perversão seria patológica somente quando o alvo (objeto de desejo) fixa o sujeito numa relação de exclusividade. À ideia de transgressão sexual é atribuída um novo significado, que a retira do registro psicopatológico e a situa na dinâmica psíquica montada com objetivo de “satisfazer o imperativo pulsional da satisfação” (Oliveira, 2016, p. 60). Partindo deste ponto, as perversões seriam emblemáticas da “onipotência do amor” (FREUD, 1905/1988, p.153 *apud* Oliveira, 2016 p. 60).

A pulsão é o ponto teórico para tornar viável a construção da sexualidade e essa noção vai se tornar essencial para compreender toda a teoria freudiana. De acordo com Neto e Cardoso (2012), a pulsão sexual, inicialmente, era entendida como uma força que desestabiliza o ego que suscita medidas de controle e moderação. Nesse sentido, o recalçamento tem efeito justamente contra a agressão da pulsão sexual na esfera do ego. O entendimento de uma defesa diz muito sobre a singularidade e originalidade do pensamento de Freud porque insere a lógica do inconsciente.

Ainda de acordo com os autores, adiante, Freud chegou a uma conclusão em que ele expressa que o ego é também objeto de investimento libidinal. Esse investimento, quando bem estruturado, pode servir como o agente organizador das pulsões sexuais na esfera psíquica. Com o conceito de narcisismo, há uma grande reviravolta que começa se inserir nessa teoria, uma vez em que a pulsão sexual passa a ser entendida, não mais como algo que desestabiliza, mas como “a própria matéria prima para a sua constituição”, isto é, do ego ( Neto e Cardoso, 2012). Diante disso, a libido, que é a carga energética da pulsão sexual, quando inserida no conjunto das pulsões de vida (Eros), teria a função de tornar a pulsão de morte inofensiva.

### 3.2 A RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E O MAL-ESTAR CIVILIZATÓRIO

Ceccarelli lembra que, no início do século 20, duas sociedades psicanalíticas (Berlim e Viena) acabaram tendo divergências, não conseguindo entrar em consenso, pois a sociedade de Berlin que era dirigida por Abraham, acreditava que os homossexuais eram incapazes de exercer a profissão de analista e que suas inversões eram incuráveis. Já a sociedade de Viena tinha um pensamento completamente contrário, até por eles se apoiarem nas ideias de Freud. Porém, em 1921, o presidente da International Psychoanalytical Association (IPA) recusou a entrada de um homem declaradamente homossexual à organização.

Ceccarelli observa que há ainda um consenso geral por parte dos psicanalistas que definem sexo e gênero como dimensões naturais, biológicas, excluindo toda a visão de construção social dessas dimensões. A visão pela biologia se dá pelo fator de que o sexo (macho e fêmea) é definido pelas genitais, assim as representações sociais e os papéis sociais que existem na sociedade vão exigir de um homem e de uma mulher que eles sigam as normas postas e que o desejo aconteça entre os sexos opostos. Em relação à ‘orientação sexual’, o heterossexual é visto como o normal e é colocado também para preservação da espécie. Existe uma naturalização dessas ideias, que sustentam toda uma ideologia de um discurso de uma massa dominante que dita o que é certo e errado em relação à sexualidade humana e suas formas de relacionamentos.

Nesse contexto, o pensamento de Freud incomodava por colocar a sexualidade no cerne da produção das neuroses. Afinal, para ele a repressão sexual era “a causa específica e perturbadora da doença nervosa” (Oliveira, 2016, p. 62). Freud considerava que a repressão sexual era cultural, formada pela moral da época, uma moral sexual “civilizada”, que é a causa específica e perturbadora da doença nervosa (Oliveira 2016 p. 62). Partindo deste ponto, Freud faz uma crítica ao casamento monogâmico que de todo modo é imposto pela moral sexual à família e que recai, sobretudo, nas mulheres. O sofrimento vem não da hereditariedade, mas sim da submissão à norma. Como a finalidade da pulsão sexual é o prazer, diante da repressão, ocorre as perversões.

As restrições são impostas antes mesmo do casamento, na vida pré-conjugal, pela abstinência, a contenção das demonstrações eróticas e outras coisas. Essas restrições faziam parte de uma promessa higiênica e moral do casamento e persistiam no casamento, precipitadas pela necessidade de controle da procriação. “Tais restrições geravam uma necessidade de encontrar

outros destinos para a força imperiosa das pulsões sexuais, que, por definição eram uma força constante, como o recurso à satisfação dessa demanda.” (Oliveira, 2016, p. 62)

O casamento pode ser uma via de mão dupla relacionada às pulsões sexuais, pois o mesmo pode ser um lugar de repositório cultural das pulsões sexuais e também um lugar de miséria subjetiva. Junto a isso e por fim, esse mal-estar no interior da vida conjugal afetaria diretamente os filhos, pois estariam expostos a uma pesada ambivalência afetiva, o que acarretaria uma espécie de pane na economia erótica familiar como um dos efeitos paradoxais da moral sexual civilizada (Oliveira 2016 p. 62).

De acordo com Pinheiro, Lima e Oliveira 2006 (2006), em "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna", Freud afirmou que a relação que é mantida pelo sujeito com a sociedade aproxima-se de uma submissão que gera uma dicotomização entre a subjetividade e a sociedade. Assim, podemos entender que as leis que seguem na sociedade, relacionadas aos códigos de conduta, são exteriores e impostas ao sujeito.

Nessas obras, Freud reflete a respeito do que causa a doença moderna e conclui que existe uma relação direta entre uma repressão da pulsão sexual e a formação dos sintomas da neurose. Com isso, a noção de adoecimento psíquico está ligada de forma importante com as limitações que são impostas à vida sexual do sujeito moderno. Pode-se, então, dizer que o impedimento da pulsão sexual que causa o adoecimento é consequência da vida em sociedade, ou seja, a sociedade e a sexualidade se encontram em lados opostos, sendo a sexualidade do sujeito submetida a uma moral repressora da sexualidade que produz um adoecimento psíquico. (Pinheiro, Lima e Oliveira, 2006).

No desenvolvimento de sua teoria, Freud afirma que existe uma instância denominada de superego, ou ideal de eu, ou superego, responsável por incitar o recalque, que funciona como um mecanismo psicológico, interior, de autoregulação das normas morais (Pinheiro, Lima e Oliveira 2006). Sua visão inicial é de que o ser humano passa por conflitos internos, conflitos que não vem diretamente da sociedade, mas sim do próprio sujeito ou, melhor dizendo, do nosso superego. O superego tem um papel de impor regras morais e é a ele que o nosso ego obedece, diante de uma moral que, para Freud, tem um caráter coercitivo que nos reprime socialmente.

Contudo, no texto “Mal-estar na civilização”, em 1930, Freud disserta que a sociedade e as pessoas não estão separadas, mas se constroem juntos e mutuamente, a partir disso as proibições começam a ser vistas como formadoras de subjetividade. A sexualidade não estaria contra o processo civilizatório, mas a serviço dele. Há, segundo Pinheiro, Lima e Oliveira (2006) uma

alteração quanto ao lugar da sexualidade: “Se, em 1908, Freud aponta o sofrimento causado pela restrição à sexualidade como o principal oponente à civilização, no “Mal-estar...” é a energia sexual que liga os sujeitos entre si e que garante o laço social.” (2006, p. 42). Dessa forma, Freud reflete que a sociedade implica em um autogerenciamento que proporciona ao indivíduo o convívio com o próximo: “Talvez possamos começar pela explicação de que o elemento de civilização entra em cena com a primeira tentativa de regular esses relacionamentos sociais” (Freud, 1930/1996: 101 *Apud* Pinheiro, Lima e Oliveira 2006).

O mal-estar não é ocasionado apenas por ações coercitivas referentes à sexualidade, porque o sujeito e a civilização estão sempre lutando por maior espaço de expressão, sendo que a relação entre essas duas estruturas dificilmente chega a ser totalmente tranquila. Freud também nos traz as três fontes de sofrimento que nós, indivíduos, podemos estar sujeitos a passar que são: a degeneração do corpo, os contratempos da natureza e as relações entre os indivíduos, essa última podendo ser a principal causa de sofrimento. (Pinheiro, Lima e Oliveira, 2006).

O processo civilizador é a causa principal do aumento das relações entre os sujeitos, pois quando o ciclo de relacionamento torna-se algo maior, torna-se também mais difícil e complexa a organização social. Além disso, torna-se mais exigente o controle que o sujeito tem em relação a si próprio. Freud diz que a principal fonte de sofrimento é a relação entre duas pessoas, assim a união libidinal causa o desprazer entre elas. Olhando por esse ponto pode-se dizer que a sexualidade que une as pessoas, também pode causar o mal-estar. No texto escrito em 1930, Freud quebra com o pensamento da dicotomia entre a sociedade e o indivíduo, que dava ideia de duas unidades independentes que eram submetidas a um convívio. (Pinheiro, Lima e Oliveira, 2006).

Assim, podemos dizer que a energia sexual está à disposição da união entre os sujeitos e o que vai contra pode ser descrito como pulsão de morte. Partindo disso, o superego surge como uma formação reativa para conter a agressividade, essa formação reativa acaba sendo aperfeiçoado quando surgem as leis ditadas pela sociedade. A agressividade antes internalizada em seu mundo, são jogadas para dentro do indivíduo que passa a sofrer um conflito interno que o torna civilizado. Na sociedade, existe um controle que é cobrado pela a mesma aos sujeitos que socializam nela, isso quer dizer que cada indivíduo tem que controlar suas livres expressões de sentimentos e paixões individuais, para que assim não comprometa o enlaçamento social. As leis surgem para exigir uma restrição pulsional de cada indivíduo em sociedade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender com este trabalho que a teoria freudiana foi muito importante para a compreensão da sexualidade. Isso pode ser percebido pela ruptura que faz com as teorias da degenerescência. Diferente da teoria que estava sendo disseminada pela sociedade naquele tempo, Freud vem com uma visão mais instigante quando ele começa a analisar o comportamento humano e entender a formação subjetiva de cada indivíduo. Com isso ele questiona a teoria da degeneração e o peso que a hereditariedade tem sobre a sociedade na explicação das doenças nervosas. Freud não vai pelo o esquema biológico das teorias que surgem naquele tempo para explicar as doenças que podem surgir em cada indivíduo, mas sim na construção subjetiva de cada sujeito. Assim ele busca argumentos antropológicos, que vão mostrar que a inversão sexual era algo frequente e valorizado dentro das culturas dos povos antigos e é a partir disso que Freud vai dialogar que a inversão sexual não poderia ser vista como algo anormal ou degenerado.

A definição na noção de pulsão ajuda na compreensão de que tudo ao nosso redor, que nos causa prazer, felicidade, harmonia, tesão e o próprio gozo faz parte da pulsão, e o que somos é construído a partir dos nossos desejos e vontades e relação com o mundo. Quando essa pulsão é limitada à sexualidade, ela não vai corresponder a quem somos, pois a sexualidade é uma parte subjetiva das nossas vontades, desejos e do nosso ego. A pulsão passa por nossas relações de amizade, o que gostamos de fazer durante o dia, práticas de esporte, leitura de um livro, sexo, o afeto etc., essas são alguns exemplos que podemos usar para abranger o sentido da pulsão sexual.

A moral é o que é estabelecido pela a sociedade como certo ou errado. Podemos usar o exemplo que foi usado ao decorrer do texto, que é o exemplo da monogamia, pois quando se vive dentro de um relacionamento que já vem com normas feitas pela sociedade, o indivíduo se limita diante as suas pulsões sexuais, deixando de praticar o que te dar prazer por uma questão de moral e de regras pré-estabelecidas. Isso muitas das vezes pode ser uma das causas das doenças que surgem no indivíduo, como por exemplo a solidão, tristeza, a depressão e entre outras patologias tanto mentais quanto físicas. A sociedade estabelece ao indivíduo regras, proibições, normas e muitas dessas normas fazem com que o sujeito entenda que suas ações não podem ser realizadas e que para ter um bom relacionamento com a sociedade ele tem que reprimi-las. Desta forma tudo

que o sujeito reprime é jogado para nosso inconsciente pelo recalçamento e o nosso superego faz o papel de juiz, que nos faz questionar todas as nossas ações e sentir a culpa, remorso ou alegria, felicidade e orgulho.

Para finalizar, é importante observar que, ao passar do tempo, alguns pensadores vão surgindo e construindo novas teorias a partir de seu contexto histórico. Graças a novos estudos de gênero e as lutas sociais em cima da sexualidade, hoje temos às teorias desconstrucionistas críticas e à teoria *queer* de Judith Burtler, por exemplo, que vai historicizar não só o gênero, mostrando seu caráter performativo, mas o corpo e o sexo, com o objetivo de dissolver a dicotomia de sexo versus gênero. Em seu estudo, ela vai trazer reflexões de pessoas importantes das lutas sociais, como a feminista e filósofa Simone de Beauvoir que disse “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Butler usa essa fala para dizer que não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (Butler, 2003, p. 27 *Apud* Ceccarelli 2017). As teorias que surgiram em relação ao gênero fizeram com que fosse questionado inclusive o enunciado “torna-se mulher”, pois “o que o sujeito pode se tornar, sendo (também) mulher”? (Kehl, 1998, p. 5 *Apud* Ceccarelli 2017).

Além disso, Ceccarelli (2017) adverte que: se, por um lado, a psicanálise foi importante pois a mesma denunciava a existência de uma cena que determinava as nossas escolhas objetais, por outro, é preciso que ela não se transforme em mais uma das práticas normativas existentes, reforçando, por exemplo, a divisão entre feminino e masculino. A dualidade entre “fálico” e “castrado”, “presença” e “ausência”, denuncia um discurso de valor que, de antemão, anula a diferença pura, para valorizar um sexo (o que possui, o que não é castrado) em detrimento do outro (o que não possui, o castrado) (Ceccarelli 2017). Esse sistema hegemônico que existe para diferenciar os sexos faz com que exista uma desigualdade entre eles através de um poderoso dispositivo simbólico. (Ceccarelli 2017). Para o autor, é importante que os psicanalistas se atualizem junto com os movimentos sociais e históricos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. L. GÊNERO, **Dicionário Juventude e Sexualidade**, CEFET, Rio de Janeiro, 2019. página 17.
- Barbosa B. C. M. e Ferreira, N. R. SEXO e SEXUALIDADE, **Dicionário Juventude e Sexualidade**, CEFET, Rio de Janeiro, 2019. Página 37 e 38.
- Ceccarelli, P. R. C. Psicanálise, sexo e gênero. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte-MG, 2017.
- Gil. A. C. G. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, 2008.
- MINAYO, M.C.de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- Neves, A. B. S. e Silva, K. C. HOMOFOBIA, HOMOSSEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO, **Dicionário Juventude e Sexualidade**, CEFET, Rio de Janeiro, 2019. Página 19, 20 e 21.
- Netto, N. K. P. e Cardoso, M. R. SEXUALIDADE E PULSÃO: CONCEITOS INDISSOCIÁVEIS EM PSICANÁLISE? **Psicologia em Estudo**. Maringá, Rio de Janeiro, 2012.
- OLIVEIRA, C. O. Freud, a sexualidade perverso-polimorfa e a crítica ao discurso da degenerescência: revisitando tensões entre psicanálise e psiquiatria. **Ágora**. Rio de Janeiro, 2016.
- Pinheiro, C. V. de Q; Lima, C. P. e Oliveira, D. P. SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O SEXUAL E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO ACERCA DAS PERSPECTIVAS FREUDIANAS. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, 2006.